

Memória e narrativas (auto)biográficas: a construção da identidade docente na formação inicial de professores

Memory and (auto)biographical narratives: the construction of teacher identity in initial teacher training.

Memoria y narrativas (auto)biográficas: la construcción de la identidad docente en la formación inicial del profesorado.

Debora Cristina Lopes*

*Doutoranda em Geografia na Universidade Federal do Paraná (UFPR); professora de Geografia da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR), Curitiba, Brasil – declcoxa@gmail.com

Recebido em 14/04/2026. Aceito para publicação em 05/08/2026.
Versão online publicada em 30/09/2026 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

Esta investigação, vinculada a uma pesquisa de mestrado, teve como objetivo analisar a contribuição das narrativas (auto)biográficas na constituição da identidade docente de licenciandos em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Nesse contexto, o Memorial de formação foi adotado como instrumento central, entendido como um registro reflexivo das experiências vividas, que possibilita aos sujeitos revisitar e ressignificar acontecimentos marcantes de suas trajetórias. A pesquisa buscou compreender o potencial dos memoriais como ferramenta de reflexão sobre a escolha pela docência, bem como sobre expectativas, sentimentos e posicionamentos diante da realidade escolar, contribuindo para o entendimento do processo de tornar-se professor. O estudo fundamentou-se no método (auto)biográfico, desenvolvido com base em Souza (2004) e Abrahão (2004), e articulado à metodologia da Pesquisa-formação, a partir das proposições teóricas de Josso (2010). Participaram da pesquisa 11 estudantes do curso de Licenciatura em Geografia, que elaboraram memoriais abordando a escolha profissional e momentos significativos da graduação. Nos relatos, destacaram-se como influências para a escolha do curso o interesse pelo conteúdo, a família e professores da educação básica. Entre as experiências formativas mais relevantes evidenciaram-se as aulas de campo, a participação em projetos acadêmicos e os estágios supervisionados, embora também tenham sido apontadas limitações na organização curricular. Conclui-se que a escrita dos memoriais favorece a reflexão crítica, o reconhecimento das trajetórias pessoais e contribui significativamente para a construção da identidade docente em Geografia.

Palavras-chave: Memorial formativo. Narrativas (auto)biográficas. Identidade docente.



Abstract:

This investigation, linked to a master's research project, aimed to analyze the contribution of (auto)biographical narratives to the formation of the teaching identity of undergraduate students in Geography at the Federal University of Paraná (UFPR). In this context, the educational memoir was adopted as a central instrument, understood as a reflective record of lived experiences, which allows individuals to revisit and reframe noteworthy events in their trajectories. This research sought to understand the potential of memoirs as a tool for reflection on the choice of teaching as a profession, as well as on expectations, feelings, and positions regarding the school environment, contributing to an understanding of the process of becoming a teacher. The study was based on the (auto)biographical method, developed from Souza (2004) and Abrahão (2004), and articulated with the Research-training methodology, based on the theoretical propositions of Josso (2010). Eleven students from the Geography undergraduate program participated in the research, writing memoirs addressing their professional choice and significant moments during their undergraduate studies. In their accounts, interest in the subject matter, family, and teachers from basic education stood out as influences on their choice of course. Among the most relevant formative experiences highlighted were fieldwork activities, participation in academic projects, and supervised teaching practicums, although limitations in the curricular organization were also pointed out. It is concluded that writing these memoirs fosters critical reflection, recognition of personal trajectories, and contributes significantly to the construction of a teaching identity in Geography.

Keywords: Educational memoir. (Auto)biographical narratives. Teacher identity.

Resumen:

Esta investigación, vinculada a un proyecto de investigación de maestría, tuvo como objetivo analizar la contribución de las narrativas (auto)biográficas a la formación de la identidad docente de los estudiantes de pregrado de Geografía en la Universidad Federal de Paraná (UFPR). En este contexto, la Memoria de Formación se adoptó como un instrumento central, entendido como un registro reflexivo de experiencias vividas, que permite a las personas visitar y reinterpretar eventos significativos en sus trayectorias. Esta investigación buscaba comprender el potencial de las memorias como herramienta para la reflexión sobre la elección de la docencia como profesión, así como sobre las expectativas, los sentimientos y las posturas con respecto al entorno escolar, contribuyendo a la comprensión del proceso de convertirse en docente. El estudio se basó en el método (auto)biográfico, desarrollado a partir de Souza (2004) y Abrahão (2004), y se articuló con la metodología de investigación-formación, basada en las propuestas teóricas de Josso (2010). Once estudiantes del programa de pregrado de Geografía participaron en la investigación, escribiendo memorias sobre su elección profesional y momentos significativos durante sus estudios de pregrado. En sus relatos, el interés por la materia, la familia y los maestros de educación básica destacaron como factores influyentes en su elección de carrera. Entre las experiencias formativas más relevantes destacadas se encuentran las clases de campo, la participación en proyectos académicos y las prácticas supervisadas, si bien también se señalaron limitaciones en la organización curricular. Se concluye que la redacción de estas memorias fomenta la reflexión crítica, el reconocimiento de las trayectorias personales y contribuye significativamente a la construcción de una identidad docente en Geografía.

Palabras-clave: Memorias formativas. Narrativa (auto)biográfica. Identidad docente.

1. Introdução

Esta investigação é parte de uma pesquisa de mestrado que teve por objetivo analisar a contribuição das narrativas (auto)biográficas na constituição da identidade docente de licenciandos do curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Procurou-se fomentar e analisar memórias reflexivas de discentes do curso de licenciatura em Geografia sobre suas vivências relacionadas aos contextos de suas histórias de vida, formações e trajetórias acadêmicas.

O Memorial de formação é o registro de um processo, de uma travessia, uma lembrança refletida de acontecimentos dos quais somos protagonistas. Assim, o memorial trata do registro

de nossas próprias experiências e ao escrevê-lo, fazemos um exercício constante de interrogar essas experiências para retomá-las como rememorações dos fatos significativos, que dão sentido às vivências do hoje.

A narrativa vem das experiências e práticas vividas, de uma ação que ao se desenvolver, traz um novo olhar sobre os acontecimentos. Sendo assim, ao investigar o processo de formação da docência, tem-se no memorial uma possibilidade de conhecer a realidade da profissão. Neste sentido, o próprio estudante passa a reconhecer gradativamente sua identidade profissional ao construir o memorial de vida e formação, uma vez que este é um processo ligado ao indivíduo, do ponto de vista pessoal e profissional.

A presente pesquisa tem por objetivo investigar o potencial dos memoriais, como possibilitadores de reflexão sobre a experiência inicial docente quanto à opção por essa carreira, expectativas, experiências, sentimentos e posicionamentos diante da realidade escolar, possibilitando assim, compreender um pouco mais sobre o processo de ser e fazer-se professor.

A partir do objetivo proposto, esta investigação está ancorada no método (auto)biográfico, desenvolvido com base em Souza (2004) e Abrahão (2004), e articulado à metodologia da Pesquisa-formação, a partir das proposições teóricas de Josso (2010). A abordagem (auto)biográfica propõe a prática reflexiva na formação de professores, partindo do movimento de investigação-formação que valoriza a experiência e as aprendizagens que marcam o itinerário de vida.

2. Metodologia

A narrativa vem das experiências e práticas vividas, de uma ação que ao se desenvolver, traz um novo olhar sobre os acontecimentos. Sendo assim, ao investigar o processo de formação da docência, tem-se no memorial uma possibilidade de conhecer a realidade da profissão. Neste sentido, o próprio estudante passa a reconhecer gradativamente sua identidade profissional ao construir o memorial de vida e formação, uma vez que este é um processo ligado ao indivíduo, do ponto de vista pessoal e profissional.

Assim, a pesquisa de campo propôs a onze (11) estudantes do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a escrita de memoriais, tomando como questões centrais a infância e as diferentes fases de escolarização, a escolha pelo curso de Geografia e momentos significativos do curso.

No momento da escrita dos memoriais, os estudantes estavam realizando a disciplina de Prática de Docência em Geografia I (ensino fundamental) ou Prática de Docência em Geografia II (ensino médio), ofertadas no sétimo e oitavo período do curso, respectivamente. Participaram da pesquisa três estudantes do sexo feminino e oito estudantes do sexo masculino, com idades entre 22 e 36 anos (Quadro 1).

Quadro 1 - Estudantes do curso de Geografia colaboradores da pesquisa

Estudantes de Estágio	Idade	Disciplina cursada
Antônio	26 anos	Prática de Docência II
Maria	26 anos	Prática de Docência II
Francisco	24 anos	Prática de Docência II
Francisca	23 anos	Prática de Docência II
Marcos	20 anos	Prática de Docência II
Luiz	34 anos	Prática de Docência II
Ana	22 anos	Prática de Docência I
Carlos	23 anos	Prática de Docência I
Paulo	24 anos	Prática de Docência I
Pedro	36 anos	Prática de Docência I
Lucas	24 anos	Prática de Docência I

Fonte: Sistematização da autora a partir dos memoriais formativos (2026).

Buscando manter a confidencialidade dos dados, os nomes dos participantes da pesquisa foram alterados, utilizando a lista dos nomes mais populares do Brasil segundo o Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2022).

O método de análise das narrativas (auto)biográficas pautou-se na análise interpretativa-compreensiva das fontes com base em Souza (2004). A leitura e a análise destes documentos são propostas em três tempos: na primeira leitura realizamos a pré-análise para traçar o perfil biográfico do grupo; na segunda leitura, buscamos cruzar as fontes, destacando as regularidades e irregularidades; na terceira leitura, agrupamos por temática, sistematizando o resultado dessa análise.

3. Desenvolvimento

O ato de narrar apresenta-se como um recurso, através do qual a pessoa se (re)apropria de sua experiência de autoformação, fazendo um balanço das aprendizagens, dos obstáculos e da significação desse processo para sua vida pessoal e profissional, possibilitando, assim, a análise de suas ações, de modo que pode apontar caminhos a serem seguidos.

De acordo com Menezes e Costella (2021, p. 20), além da autoformação, a adoção do método (auto)biográfico durante a formação inicial do licenciando em Geografia também proporciona a heteroformação. Segundo as autoras, “Ao serem partilhadas, as narrativas (auto)biográficas de professores em formação também provocam reflexões e inquietações naqueles que as ouvem ou as leem”. Neste sentido, o leitor ou ouvinte das narrativas também é instigado a rever sua trajetória, refletir sobre caminhos, contribuindo assim com sua formação.

A partir da leitura dos memoriais formativos buscamos desenvolver uma escuta sensível, objetivando compreender as lembranças evocadas/narradas que traduzem as representações e as marcas construídas sobre a profissão e a prática docente em suas itinerâncias formativas. Assim, conseguimos adentrar um pouco mais na vida e na história de cada estudante, atitude necessária para a apreensão do objeto da pesquisa, pois,

[...] A narrativa expressa os saberes dos sujeitos, suas experiências, sua subjetividade e singularidade como princípio fundamental para um conhecimento de si através das lembranças e memórias que o processo identitário e a vivência da escolarização comportam (Souza, 2004, p. 108).

Nesse contexto, as aprendizagens advindas das experiências vivenciadas durante as trajetórias formativas incidem diretamente na construção da identidade docente, sendo possível compreender as implicações desses percursos formativos em suas práticas pedagógicas cotidianas. Refletindo sobre a construção da identidade docente, Abrahão e Frison (2010, p. 193), destacam:

Pela leitura das trajetórias de vida pessoal/profissional das pessoas envolvidas, podem-se apreender motivos, angústias, desejo, intenções, busca e confirmação de “modelos” profissionais que contribuem para a construção identitária do “ser professor”, relacionando-os com diferentes momentos vividos.

Ainda na adolescência, nos deparamos com a necessidade de fazer muitas escolhas relativas ao futuro, dentre elas as escolhas profissionais. Assim, foi solicitado aos estudantes que rememorassem os motivos pelos quais escolheram o curso de licenciatura em Geografia.

Terruggi, Cardoso e Camargo (2019, p. 165) apontam que o processo de escolha profissional envolve diversos fatores, como: “características pessoais, convicções políticas, religiosas, valores, crenças, contexto socioeconômico e família, sendo este último apontado como um dos principais aspectos que podem ajudar ou atrapalhar nesse momento de decisão”.

Na análise das narrativas obtidas nos memoriais, foi observada a elaboração de diferentes processos de escolha do curso, a partir das primeiras noções sobre a identidade profissional docente, destacando-se: o gosto pelo conteúdo a ser ensinado; a influência da família sobre o significado de “ser professor”; e as menções à atuação de professores da educação básica como decisiva para sua escolha.

Os estudantes Antônio, Paulo e Pedro destacaram como elemento importante para sua escolha profissional a influência de amigos e familiares, sendo esta de apoio ou relutância em relação à escolha. Assim se expressaram:

Ao falar para o meu pai sobre isso [escolha pelo curso de Geografia], ele virou e disse com todas as letras: “eu não investi tanto dinheiro em você pra você fazer Geografia” (Antônio).

Eu sempre tive afinidade com Geografia e Biologia, principalmente Biologia, a vida toda me encantei pela profissão professor(a), mas isto mudou um pouco quando alguém que eu admirava muito disse que eu não seria ninguém, que seria uma vida “íngrata e sem futuro” e que eu deveria deixar esse desejo de lado. Na época estava cursando a terceira série do ensino médio e já planejando cursar Ciências Biológicas, até a Universidade eu havia pesquisado... Aquela frase me desorientou, na minha família não sabem nem o que é ensino superior direito, então a pessoa que eu admirava me dizer aquilo, pesou muito na minha decisão (Paulo).

No ano de 2016 me percebi em uma crise com a minha profissão e com a insignificância daquilo que eu fazia. Eu tinha um trampo que me dava sustento, independência, e só [...] nessa longa sequência de reflexões e introspecções, enfim compreendi como o fato de eu praticamente nascer e crescer dentro da escola (sim, minha mãe entrou em trabalho de parto durante uma aula no período noturno e foi levada às pressas da sala de aula pra maternidade) não poderia ser desprezível, muito pelo contrário! [...] Como eu vinha numa crescente de me aproximar cada vez mais de pautas sociais, políticas e educacionais, precisava agora juntar a fome com a vontade de comer. Pois, sendo sozinho e tendo apenas a mim próprio a recorrer, eu não poderia fazer nenhum curso de manhã ou à tarde por causa do trampo, ao mesmo tempo eu também não poderia estudar numa particular pois minha renda não permitia. Fazendo um condensado de todos os fatores que iriam tornar viável ou inviável o início dessa jornada, não foi difícil olhar com um certo encanto precoce para a Geografia (Pedro).

Memórias positivas relacionadas à escola e à prática docente aproximam o(a) estudante da ideia de “ser professor(a)”. Por outro lado, percepções negativas — especialmente decorrentes da falta de informação sobre a docência — tendem a afastar parte dos estudantes que poderiam ter interesse em cursar a licenciatura em Geografia.

Diante das opiniões contrárias de pessoas de seu convívio, Antônio e Paulo acabaram deixando seus próprios desejos de lado e passaram a seguir expectativas externas. Nessas circunstâncias, não se identificaram com o que lhes foi imposto ou esperado. Os estudantes ainda relatam:

Devido a essa relutância com a Geografia pela parte do meu pai, fiz o meu primeiro vestibular para Direito e comecei a cursar na UniCuritiba, porém, fiquei menos de 1 mês. Então meu pai cedeu à minha vontade e passei o ano no cursinho pré-vestibular (Antônio).

Iniciei Administração, o curso é legal, foi uma experiência que me agregou, mas não sentia que queria aquilo para o resto da vida. Em consequência da Administração comecei a estagiar na SESP (Secretaria de Segurança Pública), lá conheci diversos profissionais, dentre eles diversos Geógrafos e professores de Geografia, neste momento foi amor à primeira vista, a maneira como eles falavam da Geografia confirmava os meus anseios profissionais, a Biologia não caberia tão bem quanto Geografia me cabe atualmente, gosto de quase tudo no curso - menos cartografia, me julgue - e hoje sou muito feliz com a escolha (Paulo).

Outro aspecto evidenciado nos memoriais diz respeito à atuação de professores da educação básica como fator decisivo na escolha pela docência. Antônio destaca o diálogo e o incentivo de um professor como fundamentais nesse percurso. Luiz aponta o incentivo familiar aliado ao gosto pelo conteúdo a ser ensinado. Já Maria ressalta a influência da mãe, também professora, na decisão de seguir a carreira docente; entretanto, a escolha pelo curso foi principalmente motivada pelo contato com professores do ensino médio e suas práticas pedagógicas.

O curso de Geografia surgiu como opção a partir do 2o ano do Ensino Médio, quando, uma vez conversando com o meu professor, ele me disse que eu me encaixaria bem no curso. Comecei a “ruminar” a ideia, pesquisei mais sobre e decidi que era o que eu queria (Antônio).

Foi durante esse ano (terceirão) que escolhi o curso de geografia, sempre gostei da matéria da escola e também por influência da professora. Até decidir 100% eu estava entre Ed. Física e Geografia, pois sempre gostei muito de praticar atividade física, tanto coletivo como individual (Luiz).

No primeiro ano do ensino médio eu já sabia que queria ser professora e que seria o curso de história que eu iria prestar, até porque sempre foi uma das matérias que eu me dava bem e que eu gosto; no segundo ano a certeza sobre história já estava meio dividida, não sabia se cursaria história ou geografia primeiro, a única certeza que seria na UFPR; já no terceiro eu sabia que não teria outro curso para mim se não a geografia. Todo esse meu processo de me achar em qual seria meu curso veio acompanhada da minha professora de geografia, foi durante as aulas dela e nas conversas que tínhamos quando o sinal tocava para ir embora que eu via o amor dela por esta ciência e foi ali que eu fui começando a me encantar também. O momento exato que eu escolhi fazer Geografia se deu durante uma aula de campo na Ilha do Mel, lá tivemos uma aula de campo incrível, onde além da minha professora de Geografia, tínhamos outros

professores, e foi ali no por do sol visto do farol que eu soube que era Geografia o que eu queria fazer (Ana).

A docência é uma das poucas profissões com a qual temos contato prolongado e sistemático desde a infância, desta forma, vamos construindo o imaginário da profissão, conceitos e características em relação a esses profissionais, assim:

Essas imagens nos acompanham, deixam marcas, influenciam na formação da identidade profissional e devem ser consideradas no processo formativo, pois a cultura da profissão é transmitida no processo de socialização, muito antes da entrada nos cursos de formação ou do exercício profissional (Carvalho, 2008, p. 96).

Ao rememorar as experiências discentes, vem à tona modelos de professores marcantes, sejam eles por elementos positivos e que acabam servindo de inspiração, bem como exemplos negativos, como pode ser observado em Carlos:

Quando era criança, passei muito tempo olhando o atlas do IBGE do meu irmão e tinha na parede do quarto um quadro com a fotografia do planeta terra, ícones que estavam colados na parede do meu cérebro. Gostava da ideia de mapas e representações gráficas, gostava da ideia de paisagens e coisas interagindo, da ideia de que poderiam existir explicações mais abrangentes de como a sociedade funcionava. Mas eram isso, ideias, um imaginário descontextualizado do que faz um geógrafo ou o que é o espaço geográfico. A principal motivação era exatamente essa: eu nunca tinha tido aulas decentes de geografia e sabia que tinha algo escondido ali que poderia ser interessante. Honestamente, ao longo de todos esses anos na escola, só tive professores de geografia ruins. Com algumas variações, as aulas que eu tive eram basicamente estruturadas em torno de curiosidades e decorebas despreocupadas, que nunca causaram algum impacto significativo (tanto que eu não me lembro de quase nada). Um professor do ensino médio que trazia alguns questionamentos críticos foi o mais diferenciado, porém as aulas eram algo como um show de improviso, sem uma linha de raciocínio. Daí a conclusão de que geografia é qualquer coisa e, no melhor dos casos, seria alguma coisa que eu estava buscando (Carlos).

As significações sobre a atividade docente são construídas a partir de nossas experiências e trajetória de vida escolar. Observa-se no relato do Estagiário Carlos, uma fase de constante desmotivação, causada pela forma de atuação e desinteresse dos professores no ensino da disciplina de Geografia. Tais compreensões influenciam e passam a compor a identidade docente, neste sentido, Pimenta (1997) destaca:

Quando os alunos chegam ao curso de formação inicial, já têm saberes sobre o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos que foram de diferentes professores em toda sua vida escolar. Experiência que lhes possibilita dizer quais foram os bons professores, quais eram bons em conteúdos, mas não em didática, isto é, não sabiam ensinar. Quais professores foram significativos em suas vidas, isto é, contribuíram para sua formação humana. Também sabem sobre o ser professor por meio da experiência socialmente acumulada, as mudanças históricas da profissão, o exercício profissional

em diferentes escolas, a não valorização social e financeira dos professores, as dificuldades de estar diante de turmas de crianças e jovens turbulentos, em escolas precárias; sabem um pouco sobre as representações e os estereótipos que a sociedade tem dos professores, através dos meios de comunicação (Pimenta, 1997, p. 07).

Carlos destacou o interesse que tinha em compreender os fenômenos naturais e sociais, porém, por vezes, as aulas de Geografia não possibilitaram tal entendimento, ao se apresentar como uma distribuição de temas, fatos e dados descontextualizados. Neste sentido, Kaercher (2015) alerta que muitas aulas de Geografia apresentam caráter descritivo, limitando-se a simples informação, parecendo um telejornal. “Há pouco espaço para o espanto, para o novo, para a surpresa: ‘não tinha pensado nisso, professor!’” (Kaercher, 2015, p. 30).

Paulo Freire (2003) defendia o ensinar como um ato intencional, pois a ação de ensinar não deve ser apenas transmissão de conteúdo. Ao ensinar ocorre um processo de troca que por mais que necessite de rigorosidade e autoridade, necessita ao mesmo tempo de afeto e humanização.

O professor tem a função de incentivar os educandos a estabelecerem relações entre o conhecimento científico e a sua realidade. Para que esse processo ocorra, é necessário adotar um método adequado ao contexto dos estudantes, considerando suas especificidades e, quando preciso, construindo-o de forma conjunta. Ensinar não se resume à transmissão de conteúdos, mas envolve a criação de possibilidades para a produção e a elaboração do conhecimento.

O campo educacional abrange as concepções e práticas de seus agentes, a partir das quais se desenvolve o ato de ensinar, contribuindo para um processo progressivo de aprendizagem. Para que esse processo seja contínuo e favoreça a construção do conhecimento, é fundamental considerar fatores como o contexto social do estudante, seu papel na escola e na sociedade. Ao mesmo tempo, cabe ao educador refletir sobre que tipo de cidadão pretende formar, para qual sociedade e sob qual concepção de prática docente. Assim, o ato de ensinar deve ultrapassar as intenções restritas ao espaço escolar, buscando, sobretudo, fazer sentido para os alunos e promover sua participação ativa durante sua trajetória na escola, especialmente nas aulas.

Um elemento que possibilita essa participação efetiva é o interesse pela temática que está sendo ensinada pelo professor e esse foi o motivo apresentado por Maria, Francisco, Lucas, Francisca e Marcos, para a escolha pelo curso de Geografia, como expressaram:

Foi ao me deparar com a riqueza das abordagens que a Geografia pode proporcionar, que tive certeza, depois de pensar muito entre Geografia e Ciências Sociais, de que cursar Geografia uniria todas as minhas paixões: o contato e o estudo da natureza e a possibilidade de conduzir alguém na construção do saber (Maria).

A opção pelo curso de Geografia se deu porque eu apreciava mapas (Francisco).

Escolhi a Geografia não por algum fator determinante, mas depois de analisar vários fatores, entre eles a concorrência no vestibular, meu desejo de fazer alguma faculdade das chamadas “ciência de base” em que eu pudesse trabalhar como pesquisador e como professor, afinal eu gostava de discutir e tentar entender os fenômenos da sociedade e da natureza, além do ambiente escolar ter sido agradável (Lucas).

No decorrer do ensino médio eu me aproximei muito da matéria de Biologia, era qual eu mais gostava e me identificava, fator esse que me levou a fazer vestibular para Biologia, entretanto não consegui passar no vestibular. [...] contudo eu tinha em mente uma segunda opção a qual gostava muito também que era Geografia. Com a nota do ENEM entrei no curso de Geografia na UFPR, o qual acabei gostando muito e me identificando (Francisca).

Gosto do mundo, da natureza, das paisagens, sempre quis entender o porquê das coisas, das formas da Terra, os lugares no mapa e no espaço, além de gostar muito de saber coisas dos países, aí a Geografia era a disciplina que mais satisfazia meus interesses pessoais (Marcos).

O interesse pelo conteúdo a ser ensinado, aliado à possibilidade de pesquisa, análise e reflexão sobre o espaço geográfico e suas inter-relações, foram fatores que motivaram a escolha pela licenciatura em Geografia.

Portugal (2013, p. 35), destaca que as histórias narradas “[...] evocam memórias sobre a escolha da profissão e os eventos que marcaram as suas vidas, as pessoas e as situações que contribuíram para tal escolha”. A releitura das memórias possibilita ressignificar suas experiências passadas e problematizar situações do cotidiano, contribuindo para o processo formativo.

Buscando compreender os sentidos atribuídos ao curso de Geografia, solicitou-se aos estudantes que indicassem momentos significativos vivenciados durante a graduação. Nos relatos, destacaram-se as aulas de campo, a participação em projetos de pesquisa, ensino e extensão, bem como os estágios supervisionados, reconhecidos como experiências formativas de grande relevância.

Antônio destacou as experiências advindas dos estágios no bacharelado, como elementos importantes para a futura atuação profissional:

Durante o curso, foquei mais na busca de conhecimento profissional e menos na parte acadêmica, passando 3 anos e meio em estágios, sendo meio ano como voluntário no Laboratório de Processamento de Imagens, 2 anos no Instituto Tecnológico de Transporte e Infraestrutura e 1 na Copel (Antônio).

O estágio configurou-se como o primeiro contato do estudante de graduação com o mercado de trabalho em sua área de atuação, contribuindo para seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, ao possibilitar o conhecimento e a vivência da rotina profissional que provavelmente enfrentará após a formação.

As estudantes Ana, Maria e Francisca destacaram a participação em projetos de extensão como fundamentais na construção de sua identidade docente.

Durante minha participação em projetos de extensão, trabalhando com cultura em um deles e com experimentos com solos em outro, a Geografia se mostrou mais uma vez tão rica em permitir abordar espaço, vivência, religião, política, representatividade, formação dos solos, poluição, consciência ecológica... e tudo isso é ou está na Geografia! A meu ver, esse saber geográfico pode ser essencial para transformar a visão de mundo de muitos dos alunos que passam pelo ensino regular sem se atentar ao fato de que todo o saber lá apreendido é para a vida e não para a prova. A aprendizagem que o curso proporciona é enriquecedora e estabeleceu, para mim, os horizontes de que é possível tocar muitas vivências com uma experiência didático-pedagógica saudável (Maria).

Logo no primeiro período de geografia tive contato com o PIBID, um programa que abriu as portas para o mundo da licenciatura. Permaneci por dois anos no projeto, o qual tive uma experiência enriquecedora. [...] Com o PIBID me identifiquei muito na área na licenciatura, pois gostava muito da troca de conhecimentos e vivências (Francisca).

A parte mais decepcionante foi ver que a licenciatura de fato só ia começar no final do curso, frustração que foi interrompida pelo Projeto Expedições Geográficas, no qual entrei no começo do primeiro ano e no qual permaneço até hoje. Durante o curso eu aprendi que a Geografia escolar é totalmente diferente da Geografia acadêmica e me apaixonei de novo pela Geografia (Ana).

Nos relatos das estudantes, evidencia-se a importância da participação em projetos de extensão durante a graduação, principalmente em um curso com divisão entre licenciatura e bacharelado, pois com base nessas experiências, os graduandos têm um contato antecipado com o ambiente de trabalho, o que para muitos ocorre somente com o início dos estágios curriculares supervisionados.

Um outro elemento destacado pela estudante Ana, refere-se ao início tardio das disciplinas ligadas à licenciatura, quando os estudantes ingressam na licenciatura bastante motivados para o contato com a docência em Geografia, na realidade escolar. Neste sentido, Paulo destacou a importância destas disciplinas, e Carlos, teceu críticas à organização curricular do curso, o qual valoriza mais as disciplinas do bacharelado em detrimento da licenciatura, o que procuraram explicitar:

Mais recentemente, as disciplinas da licenciatura me deram outra visão de mundo, diferente dos dois primeiros anos. Quando estamos no Rebouças tudo parece mais colorido, mais lúdico, os professores (grande maioria), falam com um amor à educação

e o mais lindo é que eles transmitem isso aos discentes, sem dúvidas a disciplina de Metodologia de Ensino de Geografia, foi super marcante, como também a disciplina de estágio será (Paulo).

É notável que o nosso curso tem um foco muito maior no bacharelado, por isso não tivemos muitas situações para refletir sobre o ensino de Geografia. Eu mesmo não me via como professor, sendo introvertido e não tendo referências de pessoas que não fossem meus próprios professores (muitos dos quais foram, na verdade, influências negativas). Entrando em contato com leituras e aulas de licenciatura, algumas melhores e outras piores, eu fui obrigado a pensar a respeito. Foi principalmente através de conversas e eventos com professores engajados que a educação passou de uma possibilidade para a minha principal possibilidade de atuação. Saber que existem pessoas batalhando por aquilo e preocupadas em fazer diferente era animador. A situação não era favorável, mas valia a pena dar uma chance. O sentimento de acender a luzinha no cérebro quando eu conseguia entender algum aspecto da realidade, que marcou o meu aprendizado na Geografia, foi algo que me motivou: talvez eu poderia ajudar a acender luzinhas no cérebro de outras pessoas (Carlos).

É bastante significativa a forma como os estudantes se posicionaram em relação ao papel dos professores, especialmente no modo como abordam os temas da área com entusiasmo, despertando neles a motivação para também ensinar Geografia. A metodologia adotada por alguns docentes mostrou-se determinante nesse processo. Os indícios apontados revelam que atitudes marcadas por entusiasmo e dedicação à docência exerceram um efeito motivador sobre os estudantes, incentivando-os a buscar formas inovadoras de atuar no ensino de Geografia.

Os estudantes Luiz, Marcos, Francisco e Paulo apontam as aulas de campo como elemento importante ao despertar o interesse e a motivação pela abordagem geográfica:

Para mim os momentos mais marcantes do curso foram as aulas de campo com a turma. Foram momentos únicos de trocas de saberes, interação e papo furado, mas foram as melhores experiências da graduação (Luiz).

As aulas de campo de Geologia e de Geomorfologia, não pelas viagens, eu particularmente nem gostava muito, mas as práticas de campo, foram muito enriquecedoras, por proporcionar grandes experiências que vou lembrar para a vida toda (Marcos).

Durante o campo de Geografia Rural, em que viajamos para um assentamento do MST em Antonina e outro na Lapa, bem como pernoitamos na propriedade de um produtor de orgânicos em Adrianópolis, e depois num quilombo, no Vale do Ribeira, estado de São Paulo. O que mais me impressionou foi a beleza dessas regiões e a cultura afro do quilombo - foi a minha primeira interação com uma cultura afro-brasileira (Francisco).

Sem dúvidas os campos das matérias físicas, sempre foram uma grande aventura, campos de Solo, Geologia e Geomorfologia. Estas disciplinas faziam o mundo parecer gigante, sabe? (Paulo).

As aulas de campo possibilitam estudar o espaço geográfico, suas transformações e a relação homem-natureza, promovendo a possibilidade de confrontar a teoria vista em sala de aula com a prática, além de ser uma metodologia de ensino instigante, constituindo-se como ferramenta importante para o processo de ensino-aprendizagem.

Os estagiários Carlos e Lucas não destacaram um momento em específico, mas sim as possibilidades que o curso lhes ofereceu:

Eu poderia dizer que tudo aquilo que eu não aprendi de Geografia no ensino básico veio como descobertas empolgantes ao longo do curso. Em todas as áreas da ciência geográfica eu achei algo que me interessava em saber como forma de entender o mundo, de fazer conexões (Carlos).

Dentro da Geografia encontrei várias possibilidades, a possibilidade de fazer parte de um curso em que eu pudesse estudar, pensar e discutir a sociedade e a natureza se concretizou, ter a possibilidade de ser um professor e um pesquisador no futuro etc. (Lucas).

O entusiasmo apresentado pelos estudantes nos levou a refletir que a maneira de transmitir os conhecimentos, considerando seu conteúdo humano e social, bem como as formas de mediação do saber — que envolvem estudar, pensar e discutir a sociedade e a natureza —, conforme destacam os estagiários Carlos e Lucas, contribui para conduzi-los à docência.

Souza (2004) destaca a importância de considerar as singularidades de cada história de vida, expressas nos textos narrativos reveladas pelos sujeitos. A partir da metodologia de análise interpretativa-compreensiva das fontes, foi possível identificar que apesar da singularidade e individualidade, os estudantes apresentaram aspectos que permitiram compreendê-los como um grupo e a chegar a elementos comuns que caracterizam suas trajetórias.

A partir da análise interpretativa-compreensiva de alguns excertos dos memoriais, buscamos apreender experiências significativas do itinerário escolar e suas implicações com a formação, autoformação e heteroformação. Neste sentido, a socialização de narrativas (auto)biográficas no interior da licenciatura em Geografia possibilita refletir sobre a docência em Geografia devido ao seu caráter auto e heteroformativo (Menezes; Costella, 2021).

Ao elaborar seus próprios memoriais, o estudante reflete sobre sua trajetória de vida, identificando de que maneira suas experiências anteriores influenciam sua compreensão da realidade e contribuem para a construção de sua futura prática docente. Ao compartilhar e analisar os memoriais de seus colegas, amplia o contato com diferentes vivências, contextos e

perspectivas, enriquecendo sua compreensão acerca da docência e do ensino de Geografia.

Assim, atividade da escrita sobre as aprendizagens da docência, oportunizou aos estudantes atividades e momentos privilegiados de olhar para si mesmos, e para os seus próprios passos ao desenvolver as aquisições necessárias à docência.

4. Considerações Finais

Em seus memoriais os estudantes puderam resgatar memórias da infância e do processo de escolarização. Nas análises das narrativas escritas, foi possível observar que o sujeito constrói representações sobre o ensino, a docência e as práticas pedagógicas que desenvolve no âmbito da escola.

De acordo com Abrahão (2008), das histórias de vida destacam-se lembranças positivas e também negativas, as quais proporcionarão melhor entendimentos das complexas relações que envolvem o processo formativo.

Durante a análise dos memoriais observaram-se diferentes situações que levaram à opção e escolha do curso de Geografia, destacando-se: o gosto pelo conteúdo a ser ensinado; a influência da família sobre “ser professor”, seja ela de aprovação ou relutância; as menções à atuação de professores da educação básica, como decisiva para essa escolha.

Com relação aos momentos significativos no curso de graduação, ficou em destaque a participação nas aulas de campo, como elemento fundamental para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, a participação em projetos de pesquisa, ensino, extensão e os estágios supervisionados, como experiências formativas de relevante significado. Os estudantes ressaltaram como entrave a organização curricular do curso de licenciatura, que relega as disciplinas específicas para o momento final do curso.

Entendemos que, oportunizar aos estudantes escrever seus memoriais, a partir das narrativas (auto)biográficas possibilitou que pudessem se reconectar a espaços e tempos de sua infância e às fases da escolarização, fazendo que muitos desenvolvessem uma compreensão mais sensível sobre suas experiências, relações e formações anteriores, conferindo sentidos às vivências e aprendizagens do estágio supervisionado. Essa trajetória possibilitou o reconhecimento da contribuição desse percurso de experiências, para a constituição da identidade docente na área de Geografia.

5. Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Práticas de formação continuada de professores: o seminário de investigação-formação como lugar de aprendizagem e (re)invenção de si. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. (org). **Narrativas de formação e saberes biográficos**. Natal: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 157-171.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Narrativas (auto)biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem. In: ABRAHÃO (Org.). **(Auto)biografia e Formação Humana**. Porto Alegre; Natal: EDIPUCRS; EDUFERN, 2010, p.191-216.

CARVALHO, Ana Jovina Oliveira Vieira de. **Estágio supervisionado e narrativas (auto)biográficas: experiências de formação docente**. 2008. 216f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Salvador, 2008.

IBGE. **Nomes do Brasil**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/nomes/#/ranking>. Acesso em: 12 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito. Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 59-79.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia escolar: gigante de pés de barro comendo pastel de vento num fast food?. Terra Livre, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 27-44, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/220>. Acesso em: 12 abr. 2026.

MENEZES, Victória Sabbado; COSTELLA, Roselane Zordan. O método (auto)biográfico na formação inicial de professores de geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 25, e.12, p. 01-27, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499444027>. Acesso em: 14 abr. 2026.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores – Saberes da docência e identidade do professor. **Nuance**, v. 3, n. 3, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33579/36317>. Acesso em: 12 abr. 2026.

PORTUGAL, Jussara Fraga. **“Quem é da roça é formiga!”: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais**. 2013. 352f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. 2004. 344 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2004.

TERRUGGI, Tatiana Petroni Laurito; CARDOSO, Hugo Ferrari; CAMARGO, Mário Lázaro. Escolha profissional na adolescência: a família como variável influenciadora. **Pensando Famílias**, v. 23, p. 162-176, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n2/v23n2a13.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2026.